

Adaptações linhagísticas e a Cultura Popular: o romance de Melusina e A Dama do Pé de Cabra

Polyana Muniz (BRATHAIR/UEMA)

Resumo: A partir do século XII narrativas que permeavam apenas a memória oral e tem como herança a mitologia e o folclore que envolvia a formação de povos anteriores ao cristianismo passaram a ser escritas por livreiros e clérigos medievais. Neste cenário estão os contos do *Romance de Melusina*, de Jean d'Arras, no caso francês da família Lusignan e da *Dama do Pé de Cabra*, contida no Livro de Linhagens do Conde D. Pedro no caso português da família Haro da Biscaia.

Palavras-chave: linhagem; sobrenatural; folclore.

Lineage adaptations and the Popular Culture: Le Roman de Melusine and The Goat Footed Lady

Abstract: From the XII century stories that permeated only through oral memories and had as heritage the mythology and folklore involving the formation of earlier peoples before Christianity, began to be written by authors and medieval clerics. In this scenario are the tales of Melusine (Le Roman de Melusine) of Jean D'Arras in the case of the Lusignan, a French family, and the Goat Footed Lady, the Portuguese adaptation from the myth for the Haro's, from Biscay.

Key-words: lineage; supernatural; folklore.

1. Introdução: Os Contos Melusinianos;

A Idade Média foi um berço de criação cultural. Sua formação sincrética religioso-cultural proporcionou a convivência de elementos diversos nas demais regiões europeias, ainda que colocadas sobre uma mesma ótica temporal e cristã. Dessa forma, não se pode pensar em um espaço completamente voltado para a religião, embora esta fora extremamente importante para a sociedade medieval – sua formação social foi instituída, portanto em diferentes momentos de embates, empréstimos, adaptações e destruição entre os diversos povos que coexistiram em algum momento da Idade Média e que legaram para os dias atuais exemplos de sua existência.

Os representantes intelectuais do medievo eram primordialmente os clérigos. Estes, dominando a escrita e em posse dos documentos clássicos, tiveram um papel importante na disseminação do conteúdo cristão e na curadoria dos antigos documentos. Outra função de destaque destes foi a evangelização dos povos anteriores ao cristianismo, como os celtas, germânicos etc. que a partir das conquistas territoriais do Império Romano e de sua queda passaram a viver em território cristão. Estes contatos não foram totalmente pacíficos, mas aos poucos estas regiões se tornaram parte da Europa cristã. Ainda assim a mistura de culturas, mitologias e práticas sociais de romanos, “bárbaros” e cristãos deu corpo à sociedade medieval que tentamos caracterizar.

Dessa forma dos encontros entre a cultura erudita (clerical) com a popular (folclórica, camponesa e com elementos dos antigos povos) nasceram mitos, narrativas, que carregadas de novos significados resultados desses encontros, também traziam muitos elementos de onde foram originadas. Nesse contexto está, portanto **o mito de Melusina** que indiscutivelmente de raízes celtas viajou a Europa em suas várias versões e adaptações que tiveram o contato com a cultura cristã e a regional. Segundo Le Goff, exemplos como esse são “[...] testemunhas da presença, no seio do cristianismo medieval, de personagens e lemas legados pelas crenças pagãs que foram combatidas e mais ou menos eliminadas ou simplesmente cristianizadas em superfície” (LE GOFF, 2009: 18).

Durante a Alta Idade Média (séculos V ao XI) o contexto era de uma maior repressão ao ‘maravilhoso’, conceito que remete a mitologia dos estratos das sociedades antigas da Europa, apesar da existência no período medieval de um maravilhoso cristão. Circulando apenas oralmente, a partir do século XII, devido a mudanças sociais e econômicas (A Reforma Gregoriana, por exemplo, que dividiu a sociedade entre leigos e religiosos) ocorreu à fixação escrita de relatos populares. A irrupção desses mitos é o que Erich Köhler vai caracterizar de reutilização dos mesmos como ‘reação folclórica’, se referindo à cultura laica em afirmação nesse momento (KÖHLER apud LE GOFF, 1983: 21).

As fadas encontraram espaço na literatura de entretenimento que giravam em torno dos principados regionais e escritos em uma língua vulgar. Estes não foram, entretanto, sem a passagem pela lente erudita e cristã dos clérigos e livreiros que produziram tais trabalhos. Em sua maioria, protegidos por uma corte e patrocinados por uma nobreza escreveram os primeiros relatos em papel de estórias de damas maravilhosas que encantavam e trazia prosperidade, não sem esconder um segredo e este ser descoberto para o fim de um casamento feliz entre homem mortal e mulher sobrenatural.

No século XIII e XVI este tema foi adaptado para temas linhagísticos, isto é, utilizando uma descendente sobrenatural como a *Melusina* se explicaria uma linhagem poderosa, que busca legitimar poderes e privilégios. Os dois exemplos estudados e que estão inseridos neste contexto medieval são *O Romance de Melusina ou a Nobre história dos Lusignan* escrito pelo livreiro Jean d’Arras a mando do Duque de Berry entre 1387 e 1392, e que corresponde a uma narrativa francesa inserida dentro dos exemplos de **contos melusinianos**.

O outro exemplo estudado é a narrativa inserida no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* escrito pelo Conde de Barcelos, da **Dama do Pé de Cabra**, que adaptada aos relatos genealógicos corresponde ao caso português e tem como contexto a Independência da Biscaia, pois relata a origem da família Haro (linhagem castelhana com representantes na família real portuguesa). Esta inclusive foi escrita em outra versão no século XIX por Alexandre Herculano.

Um importante conceito trabalhado por medievalistas é o de maravilhoso. Esta é uma ideia muito importante para se entender o homem medieval, pois estava presente em suas produções, e na sua imaginação. Um dos primeiros a conceituar o maravilhoso foi o inglês Gervais de Tilbury no seu *Otia Imperialia* onde narrava maravilhas por volta de 1210. Esta obra faz parte das primeiras narrativas feéricas a serem produzidas, como a *Dama do Castelo de Esperver* e o conto de *Raymond do Castelo de Rousset* – exemplos de contos melusinianos. Para Gervais o maravilhoso é “aquilo que escapa a nossa compreensão, mesmo sendo natural. [...] o maravilhoso deve ser distinguido do sobrenatural e distinguido igualmente do miraculoso e do mágico. [...] é o espanto que sucinta” (TILBURY *apud* LEGOFF, 2008: 65).

Anteriormente combatido com mais força, o maravilhoso – que exercia forte apelo nos espíritos humanos passa a ser tolerado por um movimento que Hilário Franco Jr. demonstra como complexo. Em primeiro lugar, deve-se considerar a já citada noção de reação folclórica, que tem a conotação até de resistência frente ao tão delimitado corpo institucional cristão. Não se deve também perceber esses ‘embates’ em aspectos de oposição de modelo cartesiano, já que antes de qualquer outra a cultura cristã também constitui uma mitologia, ainda que na Idade Média não se concebesse como tal. Portanto, a melhor opção é o conceito de sincretismo, que percebe duas mitologias com ideologias opostas, mas com aspectos de interligação já que ambas tinham uma visão mítica do mundo pré-industrial que viveram.

Sincretismo nesse caso se entende a partir do conceito de C. Revière onde seria “processo contra-acumulativo implicando manipulação de mitos, empréstimo de ritos, associação de símbolos, às vezes inversão semântica e reinterpretação da mensagem crística” (REVIÈRE *apud* FRANCO JR, 1996: 51). Isso estaria colocado opondo-se ao modelo de aculturação, que implicaria um planejamento e um propósito que não é percebido nos contextos medievais estudados.

O mito é trabalhado segundo o conceito de Mircea Eliade, que seria “Uma realidade cultural extremamente complexa que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELÍADE *apud* SIQUEIRA, 1995: 01). Transmite-se oralmente por predileção e permanece como o “bem comum da sociedade” (SIQUEIRA, 1995:02). Ele serve para explicar uma sociedade em sua criação (como no caso das sociedades de caça e coleta) e passa a ser alienador quando perde essa função e é interpretado para outros usos, o principal deles, a literatura. Dessa forma, mitos como os contos melusinianos são exemplos da utilização destes como fonte de criação literária. Já sob perspectiva medieval e cristã modifica-se com a causa das necessidades de um novo contexto social, cultural e temporal.

Discutir essas problemáticas, portanto, levam a questionamentos pontuais. Por que utilizar um elemento sobrenatural essencialmente demonizado pela ótica do cristianismo e da religião medieval que via em alguns elementos e símbolos tais como a própria mulher, a serpente, a cabra, a natureza que está presente nessas narrativas e colocá-los como simbologia de poder e legitimidade familiar? A profundidade dos significados e de suas diversas matrizes passa do invólucro cristão-medieval que é primeiro observado.

O objetivo desse artigo é desta forma, tentar identificar tais nuances e perceber a existência de várias versões adaptadas para regiões e sociedades distintas, mas que veem na Melusina e em suas equivalentes uma importância que deve ser mesurada.

2. Uma personagem influente;

Melusina, e a Dama do Pé de Cabra apesar de serem trabalhadas em alguns artigos e obras até agora não foram comparadas com esta perspectiva de um embate de culturas e analisadas, no que se refere ao caso português, segundo o contexto político e social que a obra foi escrita. Portanto, é um campo que deve ser explorado, considerando a popularidade dos contos e suas possíveis permanências no imaginário europeu e brasileiro. Lendas e histórias de cordel do Nordeste brasileiro já foram encontradas, estas com enredos semelhantes ao padrão “melusiniano”.

Um exemplo é o cordel encontrado pelos pesquisadores da UFCE, em meados dos anos 70, que conta a origem da cidade de Jericoacoara e que tem como elementos uma mulher-serpente originada de um ser mágico que assim como a Melusina tem em seu pai uma figura odiada por conta de uma traição para com a sua mãe. Assim também como a fada sobrenatural europeia, que é considerada “A fada do feudalismo” diante do

crescimento que representou a mulher-serpente de Jericoacoara também é relacionada com a fundação (e a destruição posterior) da cidade.

Entra em xeque, portanto, o papel da literatura nas construções históricas e culturais, sendo a pesquisa em questão importante porque analisa essa principal questão. As raízes culturais envolvidas nas versões do conto e as influências do cristianismo e de uma nobreza ávida de legitimação devem ser percebidas de forma a aplacar primeiro as peculiaridades da sociedade medieval (percebendo também as nuances da região), como também a construção de uma identidade familiar que é forçada e que passa a realmente transmitir para a sociedade a força da mulher sobrenatural, como aconteceu com a linhagem Plantageneta que Condes de Anjou e reis da Inglaterra no século XII, encarnaram para os medievais os representantes da linhagem da “demônia”, poderosa e diabólica.

É importante também pela figura feminina que esta fada representa. A sociedade medieval, principalmente na Baixa Idade Média, era um ambiente que circulava opiniões misóginas. A mulher era vista como a culpada pela perdição do homem, e quando não mãe e esposa leal (ligada a Virgem Maria), estavam relacionadas à feitiçaria e ao Diabo (que tinha na mulher sua leal serva, já que esta era levada facilmente pelas emoções e paixões), a mentira e a traição, além de ser considerada inferior. Foram estas concepções ‘cristãs’ que originaram as concepções de nossa própria sociedade, extremamente ambíguas.

No entanto, é também uma mulher-serpente (símbolo do demônio – como também a Cabra) que traz legitimidade e poder a uma família específica. É ela que constrói castelos, conquista territórios e principalmente gera uma descendência poderosa. Melusina, portanto, é vista como emblema do estudo do feminino, devido a suas origens pagãs (que de certa forma valorizavam a mulher – ligando-a à água, que é origem da vida) e seus aspectos poderosos ainda que inseridos em uma sociedade como a medieval.

Isto só prova como essa sociedade era sincrética, e os contos melusínios refletem esse elemento. As diversas culturas que são extraídas de sua origem, seus empréstimos e adaptações demonstram justamente estas transformações e obliterações dos mitos e dos costumes. Assim, a própria análise dos embates cristãos e pagãos nos contos e em suas respectivas sociedades discutem esse sincretismo que aconteceu também, por exemplo, com a sociedade brasileira e a religião católica, que hoje tem manifestações culturais e práticas religiosas que foram formados a partir de elementos distintos.

O estudo feito desse imaginário popular acerca dos monstros e maravilhas, heróis e santos medievais não acontecem da mesma forma que os estudos políticos e institucionais,

pois se desenvolve lentamente, mas dispõe ao pesquisador grandes informações sobre os costumes, práticas e valores, pois a oralidade e o próprio mito em si são referenciais de organização de uma sociedade, sendo modificados durante o tempo os aspectos que não são mais funcionais.

Assim, além de supor um ordenamento social existente nos contos que reflete a sociedade em que foi escrita, e dos elementos socioculturais que os pressupõe como a valorização/demonização da mulher, a transformação e adaptação de mitos e de animais pagãos a partir da ótica cristã, utilização em tema genealógico, etc. esse trabalho desenvolve discussões para o próprio conhecimento histórico (e dos estudos medievais) em si a partir do momento que levanta conversas acerca das permanências e do sincretismo cultural de nossa própria sociedade.

3. Como analisar?

Os contos analisados são versões de um mito adaptados a origem de várias famílias e se estende em mais variados países como a França, Portugal, Alemanha, Rússia, países eslavos e é claro a Irlanda e suas origens célticas não geram dúvidas sobre sua raiz comum com as tradições folclóricas do norte da Europa, Gales, Irlanda e a Bretanha francesa. Apesar das origens pagãs semelhantes originadas de uma mesma mitologia não se deve, no entanto, deixar de observar que quando transformados em obras literárias são resultados de uma interpretação autoral e, portanto, modificadas por ele e por sua bagagem social.

A cultura popular oral *versus* a cultura erudita escrita (e clerical) é um embate que deve ser devidamente trabalhado e teorizado, e que a partir desse entendimento – o de como foi sendo formada a sociedade medieval – que se pode entender a origem dos contos do século XVI estudados. Segundo Le Goff, a pressão das representações populares sobre a religião dos eruditos foi um verdadeiro fenômeno medieval, existindo diversas fontes que demonstram essa realidade (LE GOFF, 1980: 28). Há duas vertentes de pesquisa sobre esse tipo de questionamento: uma tenta analisar esse tipo de literatura maravilhosa como um contraponto as pressões sociais (Inspirados nos estudos de E. Köhler). A outra dá ênfase aos substratos pagãos em detrimento do contexto em que depois foi reutilizada (Inspirados nos estudos de R. S. Loomis). Na pesquisa feita através da iniciação científica percebeu-se que a análise deve ser feita diante das duas perspectivas – não se devem ignorar as origens e o passado da mitologia, nem tirá-la de seu contexto histórico.

Este entendimento levou há conclusões que devem ser aprimoradas e estendidas, que levaram a um grande avanço no entendimento das questões que envolvem a pesquisa, como as perspectivas de embate entre cristãos x pagãos; fada x homem mortal; Deus x Diabo. Os elementos que são caracterizados como antagônicos são analisados no contexto sincrético medieval, e não são percebidos a partir de um propósito clerical planejado, fazendo parte de um processo de longa duração que formou a sociedade medieval, ambígua. Sobre o papel do **cristianismo** frente à herança **pagã**, ao contrário do que primeiramente se pensa sobre a principal questão da pesquisa (paganismo x cristianismo), “[...] Curiosamente, sob muitos aspectos o cristianismo salvou a mitologia [antiga]: dessacralizou-a de seu conteúdo pagão e ressacralizou-a com elementos cristãos, ecumenizando-a” (FRANCO JR, 1996: 41).

A partir as narrativas bases sobre a Melusina e a sua versão portuguesa encontrou-se o que Propp (1984 apud SIQUEIRA, 1995: 256) chama de “Morfologia dos contos maravilhosos”. Uma série de variantes e constantes nos contos melusinianos que adaptadas de uma situação para outra, guardam elementos constantes que devem ser analisados posteriormente e que correspondem às origens do mito. Estes são:

- Encontro na floresta (próximo a um rio, fonte, etc.), com uma dama bem vestida;
- Esta impõe uma condição em troca do amor e do casamento (não vê-la nua, tomando banho, depois do parto, aos sábados, não se benzer, etc.);
- Dá ao seu marido mortal prosperidade e poderosa descendência;
- Ocorre a transgressão por parte do marido;
- A dama desaparece e leva embora alguns filhos e a prosperidade que trouxe;

Estes elementos que se repetem não somente nos contos que aparece a Melusina, mas em outras narrativas de raízes célticas medievais conhecidas, como Tristão e Isolda, Rei Arthur etc. correspondem a certas características que cristianizadas servirão para outro sentido na sociedade medieval. No caso da narrativa A Dama do Pé de Cabra, caso português do livro do Conde Barcelos escrito entre 1340 a 1344, nenhuma das narrativas míticas deste são de tradição portuguesa.

Um consenso entre os pesquisadores do tema, é que o fenômeno medieval dos Livros de Linhagens, também chamados de nobiliários, deve ser analisado de forma isolada, principalmente o exemplo português que possui características próprias. É necessário o estudo mais profundo da fonte, diante do questionamento frequente acerca da

recepção cotidiana destas narrativas. Ainda, a percepção de que os fatos históricos e o maravilhoso sobrenatural se mesclavam na criação de heróis e personagens lendários que constroem os contos nos Livros de Linhagens e na genealogia europeia. José D'Assunção Barros considera um gênero literário específico e híbrido que é localizado entre a narrativa e a genealogia.

Nos séculos XIII e XIV foi inaugurada nos reinos ibéricos essa tradição 'identitária'. A escrita do 3º Livro de Linhagens, o do Conde D. Pedro de Barcelos (filho bastardo de D. Dinis), partiu de um contexto de "um período de enfrentamento mais agressivo em relação ao inimigo mouro, os conflitos sociais internos também marcavam a tônica do período." (ASSUNÇÃO, 2008: 164). Além disso, as disputas entre a nobreza e o clero e a busca pela 'identidade cultural' também são elementos contextuais da produção de *A Dama do Pé de Cabra*.

É importante lembrar a situação de ameaça que a nobreza se encontrava economicamente frente às crescentes formas de comércio e relações econômicas emergentes. A disputa de poder e formação de alianças que giravam em torno do poder régio neste período são expressas através das tensões nos Livros, mas não deixa, segundo Barros, de justificar ideologicamente uma posição social e uma hierarquia em oposição a outros grupos sociais, percebendo assim uma "solidariedade de classe".

O primeiro ponto constante dos contos é a questão da natureza. Esta corresponde a um âmbito que o homem medieval tem medo por não poder controlar – daí a vinda da mulher sobrenatural de tal lugar. Em seus primeiros usos antigos, o casamento da mulher-animal com um homem mortal seria extremamente benéfico, pois se tratava de uma união entre o provedor e o provido. Com a alienação do mito, no entanto, essa origem natural será elemento negativo.

O mesmo corresponde à proximidade das fontes e da água. Esta última está ligada ao feminino por estes dois, como fatores animados, representarem a origem da vida. A representação do feminino junto ao aquático pode ser observada em vários elementos das versões existentes, inclusive na também história linhagística "*Dona Marinha*" que também está contida no Livro de Linhagens, esta tem os mesmos elementos dos contos melusinianos, mas tem seu final modificado o que representaria para Irene Freire Nunes a vitória do cristão sobre o pagão, e a imagem de uma família que venceu o sobrenatural. Sendo uma figura que foi achada no mar, a personagem é chamada de *Marinha*, que gera o nome de sua linhagem e remete ao meio aquático.

Além do local onde a mulher maravilhosa se encontra, há também a sua forma animal que a difere dos mortais. Nas tradições célticas há histórias que versam sobre uma mulher-equídea, mas nos contos analisados ela toma forma de metade serpente/dragão/sereia (por estar ligada à água) e cabra – no caso português. Apesar das referências óbvias da serpente e, por extensão, os dragões como seres maléficos e demoníacos que o cristianismo considerava nas tradições pagãs, a serpente tinha outros significados – o de conhecimento do devir, dos mistérios do conhecimento etc. Atenas, Ísis e Demeter tinham serpentes como símbolos de sua sabedoria. O mesmo acontece com o símbolo da medicina, por exemplo.

O dragão, que não deixa de ter conexões com as serpentes, também possui várias representações e significados nas diferentes culturas que ‘casaram’ com o mundo medieval. Animais normalmente ctonianos, isto é, infernais, na tradição greco-romana aparecem ligados aos ritos e crenças de fecundação, símbolo das forças e das águas (que precisam ser dominadas). Nas crenças asiáticas-egípcias era a personificação das forças da água – fertilizante e destruidora. Depois, tornam-se símbolos do mal. No mundo céltico, como explica Le Goff, os mesmos fervilhavam nas representações mitológicas – e posteriormente na Irlanda várias histórias de santos lutando e vencendo dragões apareceram (LE GOFF, 1980: 230). Portanto, a personificação das águas e do mal que essas criaturas representaram significam muito bem a evolução de Melusina como mulher-animal, antes celta, depois medieval.

A cabra, outro animal que é simbolicamente representado como demoníaco no medievo e que caracteriza a Dama do Pé de Cabra, também tem outras interpretações que não a mais óbvia. Ainda que a escolha deste tenha intencionado a demonização feminina, o bode e a cabra tiveram outros significados em culturas distintas. Angélica Varandas mostra como os símbolos de procriação foram associados à luxúria e ao diabo. Ainda, espécies como a cabra-de-capre são associadas à nobreza, o que demonstra a ambivalência de significados simbólicos (VARANDAS, 2006) que podem ser também trazidos para o contexto dos contos melusinianos que tem como características esse sincretismo cultural. Este processo é ligado à recusa do humanismo medieval que via o homem à imagem e semelhança de Deus, e que os contos maravilhosos ‘desvirtuam’.

A proibição que a mulher sobrenatural dá ao marido é justamente para que não se descubra a sua natureza mágica, já que a fada quer se inserir no mundo humano – no que condizem as versões estudadas, para se redimir por ser sobrenatural (isto é claro, na visão

do autor medieval que tenta explicar uma origem familiar a partir de uma união híbrida). Esta é, portanto o principal contraponto dos dois contos analisados, o invólucro cristão que a maquia os aspectos pagãos e os adaptam/transformam em mitologia cristã.

No caso do *Romance de Melusina* de Jean d'Arras que conta a história da origem da família Lusignan, o autor coloca a personagem como defensora dos princípios cristão na figura de penitente, devido a sua origem sobrenatural. No entanto, os aspectos cristãos aparecem superficialmente e não apagam as claras influências folclóricas que fazem com que estes aspectos não tenham importância no enredo da história.

Já nas *Narrativas dos Livros de Linhagens*, ocorre uma maior cristianização do conto. A fada é vista sob uma ótica negativa por manter características femininas combatidas na Idade Média. Esta tem o pé de cabra, animal diretamente ligado ao Diabo, embora tenha outros significados nas culturas pagãs (Pã, Thor etc.), este é relacionado à feitiçaria e ao demônio. O ponto de encontro natural ganha outra significação e o fato de ela dar como condição ao casamento o marido não mais se benzer mostra esse afloramento do maravilhoso cristão no exemplo português. Ainda assim, ela origina uma descendência e é posta como fundadora da família Haro, uma importante família castelhana que tinha integrantes na família real portuguesa. Para alguns autores, este conto representaria uma inversão do mito.

O historiador português José Mattoso atenta para outro aspecto ligado à figura da mulher-cabra. Em algumas versões medievais da *Lenda de Salomão*, a Rainha *Belquis de Sabá* tem a mesma característica da Dama, os pés de cabra. Para Mattoso, isso pode representar para a versão da Biscaia um contato com a mitologia mediterrânea. Não há dúvidas sobre a herança céltica do conto, pois há muitas observações acerca destes possíveis contatos entre a Navarra e a cultura céltica, entre as tradições da Galiza e do Norte de Portugal (MATTOSO, 1987: 80). Isso não significa que estes foram introduzidos nessas regiões apenas na época medieval. O provável é que podem resultar de tradições antigas já enraizadas na cultura local. A disseminação do “sincretismo” por vezes chega a níveis estruturais, já que não se pode localizar especificadamente a origem de cada elemento em datas específicas. Somente podemos caracterizar a partir de exemplos escritos, mas que já caminhavam na mentalidade popular há muito tempo.

A procedência demoníaca das fadas melusinianas também foi utilizada para, não só legitimar poderes, transformar em históricos personagens mitológicos (o contrário também acontecia), mas também para explicar a decadência e o fim destas mesmas famílias. Em

Portugal, o exemplo da D. Marinha, que com uma leve modificação do final da história (a mulher não vai embora) significou-se o poder da família que o utilizou.

É por conta desses problemas que o marido, influenciado por outro, sempre desobedece às proibições da esposa e esta desaparece. Assim, o homem mortal, nessa significação cristã, volta a ficar com o nada que possuía anteriormente, por ter se aliado ao ser demoníaco. Porém, há sempre um elemento que redime essa mesma mulher sobrenatural e maléfica: a maternidade. Ela se apresenta como mãe, e construtora devido à prosperidade que faz o marido alcançar diante do casamento, mas também como geradora de descendentes poderosos – mesmo quando esta foge, volta para rever seus filhos ou ajudá-los.

Outro aspecto trabalhado é a diferenciação das culturas popular e erudita, clerical e laica. Analisados por autores como Hilário Franco Jr (1996), Le Goff em seu *Para um novo conceito de Idade Média* (1980) de que estas manifestações com influências e reutilizações de raízes pagãs seriam uma forma de resistência cultural e identitária de uma burguesia/nobreza em detrimento da cultura clerical da Igreja – que apesar das pressões folclóricas (e suas claras influências nas produções clericais) organizava a sociedade medieval. No entanto, conclui-se que os exemplos estudados partem de uma convivência que pode ser entendida como embate, mas que mostra como as contradições da relação cristianismo-paganismo não abalaram a unidade mitológica da Idade Média, já que as nuances encontradas nas adaptações do século XIV partem de uma aceitação sociopsicológica por parte da sociedade laica e religiosa. Uma formação de longa duração de relação intercultural, e não uma mera colagem artificial de relatos míticos. Um conjunto único coerente - que é sincrético.

Os cuidados realizados pelo pesquisador ao julgar e separar a herança de cada um dos contos de acordo com a sua origem e características devem ser meticulosos. Considerando os aspectos já citados da sociedade medieval e dos contextos específicos, se torna perigoso as designações já estabelecidas pela historiografia tradicional do que pode ser ‘cristão’ ou ‘pagão’. De forma similar estão as relações culturais na sociedade brasileira, por exemplo, ainda que se reconheçam as identidades distintas, a mentalidade social é formada por uma mescla de costumes e conceitos diversos. É nesse sentido que Le Goff (1994), discutindo acerca da utilização do sobrenatural e qual origem sua ‘cultural’ (erudita, cristão, pagão?) pensa em “**laicização do sobrenatural**”.

A discussão acerca desse conceito parece ser essencial para o entendimento do contexto que cerca as duas narrativas medievais estudadas, já que partilham de um mesmo enredo, uma mesma ‘origem’ antiga, e servem (de formas distintas) para a alienação do mito e a adaptação ao tema linhagístico. A laicização do sobrenatural funciona no contexto político contra as regulamentações da Reforma Gregoriana no século XII, e como balança ‘ecumenizante’ em favor das demais culturas e formas em que o maravilhoso se manifesta. O julgamento cristão sobre os contos é inegável, mas em níveis mais profundos, a utilização dos mesmos ainda que sob esta ótica primeiramente negativa mostre uma permanência sincrética. A prova são as figuras *demoníacas* e *femininas* funcionando como fundadoras e construtoras de bens e proles seja para o bem, ou para o mal das famílias que procuravam se afirmar socialmente.

A utilização dos contos para justificar poderes também funcionava como elemento que diferenciava famílias poderosas através de suas heranças pagãs. O clero, buscando provar que eram os desígnios divinos que regiam a vida dos medievos, apontava os aspectos demoníacos dos contos melusinianos. Dentro da teorização do que representa o maravilhoso, argamassa das narrativas analisadas, está justamente o conceito de ‘maravilhoso político’. Este representa as adaptações já explicitadas, que casadas ao ‘maravilhoso’ pagão e com a mitologia cristã deram vazão para práticas que alienam os mitos, ou redirecionam o seu sentido. Assim, conflituosa e benéfica, as relações da mulher/fada com o homem medieval contribuíram para legitimar ações e perpetuar a ordem social.

Bibliografia:

Fontes:

D’ARRAS, Jean (1999), *A história de Melusina ou o romance dos Lusignan*, São Paulo, Martins Fontes.

MATTOSO, José (1980), Narrativas de fundo mítico, In *Narrativas dos livros de linhagem*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p.65-68.

Referências Bibliográficas:

ABUD, Carlos Eduardo (2009), Ecos do fabulário medieval na literatura popular das Américas: um conto de cordel brasileiro e um conto rio-platense, In PONTES, Roberto;



- MARTINS, Elizabeth Dias orgs., *Anais VII Encontro Internacional de Estudos Medievais (EIEM) Fortaleza*, UFC/ABREM, p.205-209.
- AMARAL, Flávia A. (2010), Pecado, penitência e ordenamento social no Romance de Melusina, *Signum*, 11,02, 2010, p.159-182.
- BARROS, José D'Assunção (2008), Os Livros de Linhagens na Idade Média portuguesa – Um gênero híbrido, suspenso entre a genealogia e a narrativa, *Itinerários*, 27, 2008, p. 159-182.
- DAL FARRA, Maria Lúcia (2007), *A dama, a dona e uma outra sóror*, Porto Alegre, PPGL-UFSM Ed.
- FRANCO JR, Hilário (1996), *A Eva barbada – Ensaios de Mitologia Medieval*, São Paulo, Edusp.
- LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude coord. (2009), “Diabo” In *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, Trad. Hilário Franco Júnior, São Paulo/Bauru, Imprensa Oficial/EDUSC, v I, p.21-33.
- LE GOFF, Jacques (1883), *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70.
- _____ (1980), *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*, Lisboa, Estampa.
- _____ (1994), *Imaginário Medieval*, Lisboa, Estampa.
- _____ (2008), O imaginário medieval, *Signum, Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, FAPESP, n° 10, 2008, p. 63-72.
- _____ (2009), *Heróis e maravilhas da Idade Média*, Rio de Janeiro, Vozes.
- MATTOSO, José (1987), *A nobreza medieval portuguesa – A família e o poder*, Lisboa, Ed. Estampa.
- MORÁS, Antônio V. P (1999), Das representações míticas à cultura clerical: as Fadas da Literatura Medieval, *Revista Brasileira de História*, 19, 37, 1999, p. 229-252.
- NUNES, Irene Freire “Mulheres Sobrenaturais no Nobiliário Português – a Dama Pé de Cabra e a Dona Marinha”. *Medievalista*, 8. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA8\nunes8004.html> [Consulta do 30.11.2011].
- OLIVIERI, Filippo Lourenço (2006), Os celtas e os cultos das Águas: Crenças e rituais. *BRATHAIR*, n° 6(2), 2006, p.79-88.



OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire (2008), A dona do pé de cabra, agonia e triunfo do feminino, *Cadernos de Letras da UFF*, Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, RJ, n°34, p.160-180.

SAMYN, Henrique M (2011), Aspectos do imaginário ao demônio e à feitiçaria nas narrativas da “Dama do Pé de Cabra”. *Insólito, Mitos, Lendas, Crenças- Anais do VII Painel Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional/ II Encontro Nacional o Insólito como Questão da Narrativa Ficcional*, Rio de Janeiro, Dialogarts, p.60-66.

SIQUEIRA, Ana Márcia Alves (1994), O Mito como fonte de criação literária, In *Perspectivas*, 17-18. São Paulo, p.249-266.

_____ (2011), Relações de poder nos livros de linhagens portuguesas, In FEITOSA, Márcia; ZIERER, Adriana orgs., *Literatura e História antiga e medieval*, São Luís, EDUFMA, p.89-103.

VARANDAS, Angélica (2006) A Cabra e o Bode nos Bestiários Medievais Ingleses, *BRATHAIR* 6 (2), p. 95-116.

Sobre a autora: Polyana de Fátima Magalhães Muniz Tem experiência na área de História, com ênfase em História Antiga e Medieval, atuando principalmente nos seguintes temas: linhagem, sobrenatural, mito e folclore. Bolsista de Iniciação Científica voluntária e participante do grupo de estudos BRATHAIR.